

Stadium

N.º 383 * 5-ABRIL-1950 * 2\$50



Berrigana segura a bola fortemente e leva a melhor contra Zarra. Felix e Virgílio, ao lado, observam a renhida e vigorosa luta

O ONZE PORTUGUÊS FOI UM CORPO SEM ALMA

NA PRIMEIRA ELIMINATÓRIA PARA O CAMPEONATO DO MUNDO

Crónica de TAVARES DA SILVA

PERDEMOS em Chamartin. Creio que não poderia esperar-se outro desfecho, até porque a equipa nacional, presente no formoso estádio do Real Madrid, não oferecia o que de melhor podíamos reunir. Melhor, entenda-se especialmente, no que diz respeito às necessidades próprias de um desafio transcendente. Os espanhóis viviam no legítimo desejo de vitória. Primeiro, porque ela poderia abrir-lhe as portas do Brasil, e isso é importante, se tivermos bem viva na memória como é febril o desejo de «nuestros hermanos» em fazerem boa figura no futebol; segundo, porque ainda sentem todos na carne e no espírito o ferro em brasa do 4-1 do Estádio Nacional.

Tudo, portanto, havia de ser por nós encaminhado no sentido da máxima valorização do «team» de Portugal. Dar-lhe estrutura sólida, confiança, espírito de família, digamos.

Fez-se isso, porventura? A opinião pública está, e já estava, elucidada.

Deixou-se correr o tempo, como quem deixa correr o marfim, antes que houvesse quem indicasse os seleccionadores — ou o seleccionador. Depois, acreditou-se por demais no estágio de um mês, à beira-mar, num ambiente que não era o mais aconselhável. Ambiente de aristocracia — pouco propício... E, mais tarde, designados os jogadores, nem se aproveitou convenientemente o estágio do Estoril, nem se seguiu orientação firme. Em dez dias quiz-se forjar uma equipa, mudando de agulhas no rumo até então adoptado. Tudo se pagou caro em Chamartin, onde 80 mil pessoas — quase tudo espanhóis, está bem de ver — assistiram a uma pobre demonstração do valor real do nosso futebol. Sim, temos para nós, e dizemo-lo convictamente, esta impressão: o futebol lusitano vale mais, muito mais, que aquilo que mostrou no relvado enganador da Castellana.

O onze português foi, repetimos, um corpo sem alma. Faltou-lhe vibração, apego à luta, audácia e valentia para operar uma reviravolta que esteve absolutamente à vista.

Importa salientar, e façamo-lo desde já, que era de prever o desenvolvimento da *fúria espanhola* na primeira parte do encontro. Tudo ao ataque era, sabia-se, a palavra de ordem dos responsáveis pelo grupo de Espanha. Logo, havia que organizar o *team* de Portugal na base oposta, diametralmente oposta, ainda que fosse preciso sacrificar elementos do ataque. Era necessário aguentar, a todo o preço e de qualquer forma, o *granizo* que ia cair sobre os ra-

pazes de Portugal. *Granizo* representado na linha dianteira da Espanha, a cilindrar o grupo visitante com o peso do seu jogo e o peso de uma falange de apoio disposta a tudo para empurrar os jogadores. E a ânsia, a violência do ataque, era tal que chegámos a ver seis e sete espanhóis numa ofensiva constante, desgastadora porque tinham facilidades para ela. Os espanhóis, acentue-se, não dominavam no sentido que se costuma dar a este termo. Queremos dizer: territorialmente havia equilíbrio, bola cá e lá: mas a tarefa demolidora era evidente. Depois, chegou o período fatal. Três golos em três minutos ditaram, desde logo, o vencedor. Claro que em futebol há as contingências — e estas não tardariam a aparecer... Para, uma vez mais, se verificar que o jogo do «team» não estava suficientemente ordenado.

O poder de remate dos avançados da Espanha esteve sempre patente, nos movimentos de uma linha avançada perfuradora, agressiva no significado técnico da palavra com Gainza, Molowny e Basora excepcionais. Pois, para contrariar esta avalanche, em que Zarra e Panizo, tais como Gonzalvo III e Puchades também intervieram, apenas Francisco Ferreira, sempre, e Virgílio, aqui e além. Agravou-se o mal com um Barrigana parado, temendo sair das redes, esquecido da sua obrigação. E a *Hora H* tinha de chegar, em condições com que talvez ninguém contasse. Aliás, a Espanha teve por si a sorte do jogo. Nem sempre se consegue marcar três golos em outros tantos minutos — por muita *fúria* que se ponha na luta...

Enquanto a defesa se via assoberbada, no ataque tudo se limitava a acções de Travaços e de Cabrita, o primeiro sem dúvida brilhante, 100% de classe internacional no mais largo aspecto porque se queira encerrar tal conceito.

O golo de Cabrita veio a coincidir com um acontecimento que podia modificar o rumo do jogo. Foi o caso de Riera, a tentar evitar o ponto, se ter lesionado, ficando praticamente anulado. O facto obrigou a alterações sensíveis e após ele sentiu-se que alguma coisa poderia suceder. Mas não sucedeu nada!... Faltou audácia para determinar uma modificação no plano (?) do «team» nacional.

E era simples, desde que houvesse quem se apercebesse de que não interessa mais marcar um jogador que só pode fazer papel de corpo presente. E, então, tirar-se partido de uma unidade a mais para lhe dar funções ofensivas. Poderíamos, *efec-*

tivamente, jogar de 11 para 10. Pois, por falta de decisão e de visão, jogámos de 10 para 10! Como? Deslocando Caiado para extremo onde se perdeu, sem nada se colher da permuta com Travaços. Claro que este pôde dar largas à sua inofensível classe. Mas faltava, no balanço do «team», o aproveitamento desprezado de um homem realmente a mais!

Perdida esta oportunidade de tudo tentar — o jogo estava perdido também... Mais tarde, lances de Gainza e de Molowny, este facilitado por deslize de Felix, acentuaram o desnível do resultado.

* * *

O onze de Espanha jogou em grande ataque. Gainza, Basora e Molowny folhearam o tratado das generalidades do futebol. Os médios de ataque foram-no, de facto. Mas na defesa não há a mesma capacidade. Marcação cerrada, sem dúvida, mas ainda falta de coordenação na dobragem, na ida de um para o lugar de outro colocado fora do lance.

Essa falta — que é falha, indubitavelmente — não foi explorada pelos nossos jogadores.

Temos para nós, convictamente, a ideia de que a Espanha, possuindo um bom «team», não é tão forte como se julga. Há que o demonstrar. Mas tememos que a revisão do onze nacional seja tardia. Onde sempre pomos o sinal + (de optimismo) pomos, desta vez, o sinal — (de pessimismo).

A tarefa é difícil, concordamos. Nem uma equipa se estrutura numa semana, nem vemos como seja fácil mudar o rumo das coisas no futebol português.

Repetimos: o futebol de Espanha está à altura do nosso. Simplesmente, importa que na equipa de Portugal haja firmeza de ponta a ponta, energia em todos os sectores, nervos, vibração — *alma!*

O que esteve em Chamartin, acreditem-nos, não traduziu o real valor, as verdadeiras possibilidades do nosso futebol, por muito maltratado que este ande — que anda, sim... Não se tomam medidas profundas, indo à raiz do mal para o extirpar. Enquanto em Espanha sucede o contrário — e todos puxam certo e no mesmo sentido...

Percebeu-se isso em Chamartin e atenda-se que esse pormenor foi bem um dos mais vivos ensinamentos do jogo.

* * *

O *team* de Portugal foi, como já disemos, uma coisa sem sabor, insípida e descolorida. Digamo-lo: não houve centelha, nem coragem, nem estado psicológico à altura do aconteci-

mento que se desenrolava no estádio do Real Madrid, cheio a deitar por fora.

Uma defesa que não soube barrar a arrancada dos espanhóis, mas que se compreende. À frente não se segurava jogo e tudo caía sobre os ombros assás débeis de um sistema defensivo desajudado ainda para mais. Barrigana com horror aos cruzamentos. Serafim sem velocidade para conter o super-rápido Basora. Virgílio estorado, na segunda parte, pelas fintas, desmarcações e golpes subtis de Gainza. Felix a jogar menos do que pode, agravado o mal por lesão antes do repouso.

Depois, no meio do grupo, um Barrosa que não se entendia com o defesa e com o interior. Lá para diante um ataque desligado, falho de expediente, de velocidade e de remate. Jesus Correia sem aquelas corridas que faziam tremer o solo. Arsénio não se entendendo com ele. Cabrita a navegar entre dois interiores, que pareciam *falar* noutra idioma. Caiado frágil, ineficaz.

E ressalta que não falamos em Francisco Ferreira e Travaços, os sobreviventes do naufrágio de Chamartin. O Xico foi ele próprio, generoso na luta; desperdiçando energias, à procura de quem o soubesse compreender e seguir. Capitão admirável, valente e decidido, pronto a colaborar com A ou B. E Travaços cheio de classe, brilhante, deixando os espanhóis em extase com pormenores de mestre. Enfim, um jogador de autêntica classe internacional.

* * *

A arbitragem do inglês Leaffe não infuiu no resultado. Se erros teve e se alguns deles prejudicaram a equipa portuguesa — eles em nada contribuíram para o desaire.

* * *

Os espanhóis vingaram-se dos 4-1. É certo. Mas reconhecemos que lhe facilitámos muito a tarefa, entregando-lhes trunfos preciosos.

No próximo domingo cá os temos no Jamor. Os portugueses que em Chamartin não ouviram, praticamente, um aplauso vão jogar em ambiente acolhedor. Mas tememos, e sinceramente o dizemos, que isso não seja bastante. E, todavia, importa mostrar a Benito Diaz e companheiros na responsabilidade do grupo, aos próprios jogadores, que valem mais, muito mais, do que mostrámos em Chamartin — numa tarde em que tudo conspirou contra nós...

TAVARES DA SILVA

IMPRESSÕES APÓS O JOGO

Terminado o encontro, procurámos recolher as impressões, não só dos atletas que haviam participado no prélio, mas também as dos dirigentes, árbitro e outras individualidades.

Começámos pelos jogadores portugueses. Na cabine, como é natural, há visível acobrunhamento. Comenta-se com calor as causas da derrota, recordando-se este ou aquele pormenor que pôde ter operado a reviravolta desejada depois dos 3-1, fala-se do ambiente e da superioridade espanhola.

Ouçamos as afirmações produzidas.

Francisco Ferreira

O capitão da turma lusa, afirmou: Fomos batidos sem remissão. A nossa defesa actuou abaixo das suas reais possibilidades e, portanto, os avançados espanhóis, com evidência para Gainza e Zarra, construíram um resultado, que diga-se com verdade, não me satisfaz, por desnivelado em demasia. Dos portugueses, Travaços foi de longe o melhor.

Serafim

declarou-nos: com excepção de Francisco Ferreira, que se bateu valentemente e fez exibição brilhante, a defesa claudicou, actuando, reconheço-o, em plano de inferioridade. Os avançados, salvo Travaços, que se impôs como grande jogador que é, não mostraram aquilo de que são capazes. Tenho esperança de que no domingo o vento sopra ao contrário...

Cabrita

O marcador do tento solitário português, respondeu: Embora houvesse notória deslignação entre os avançados e a defesa tivesse mostrado incapacidade, o certo é que a sorte não nos ajudou.

Todos, sem dúvida, jogaram com gana, com espírito de sacrifício, mas tal não chega para vencer uma turma valorosa como a de Espanha. Em Portugal, venceremos e em Paris, se resolverá a questão. Travaços e Xico Ferreira, os melhores dos nossos.

Barrosa

O defesa do Sporting, cuja inclusão a médio, causou apreensões, expressou-se assim: Os espanhóis foram superiores, sem contestação, embora não merecessem resultado tão expressivo. Estão a jogar mais do que se supunha. Quanto a mim, devo dizer-lhe, com verdade, que estranhei bastante o lugar, Lutei como sempre e estou de bem com a minha consciência. Isso me basta.

Virgílio

o «portista» que atingiu rapidamente a popularidade, desabafou: Tudo nos correu mal e jogámos pouco, muito pouco mesmo. A equipa vale muito mais do que demonstrou. Os espanhóis ganharam com merecimento, mas o resultado não está certo, porque a diferença deveria ser apenas de 2 bolas. Vamos a ver no domingo... se eu jogar... como correrão as coisas.

Felix

o «benfiquista» que teve a opinião unânime dos aficionados, disse-nos: Reconheço que não fui feliz. Contudo, amular Zarra não é tão fácil como se julga. O resultado não traduz o jogo. No Jamor, ganhamos.

Travaços

com ar tristonho, exclamou: Apesar de todos termos fé num bom resultado, a equipa jogou pouquíssimo, embora com calma. Faltou entreaajuda e compreensão nos lances decisivos. Se depois dos 3-1, temos conseguido um outro tento, o marcador não funcionaria tanto a nosso desfavor. No domingo, o jogo será muito diferente, *verd.*

Barrigana

acentuadamente desanimado, confessou que no primeiro golo foi batido por falta de reflexos. Não sabe como aquilo foi, de não ter saído... Perdemos bem, porque eles jogaram mais, mas cinco golos é derrota imerecida, — disse-nos.

Arsénio

foi peremptório na resposta: Um resultado aceitável seria de 5-3. Jogámos de facto menos do que sabemos e do que somos capazes. Travaços e o Xico, dos nossos e Gainza e Basora dos adversários foram os mais destacados elementos.

Em Lisboa, a vitória não nos fugirá.

Na cabine dos espanhóis o contentamento é esfusante. A alegria estampa-se nos rostos e os abraços de felicitações não param. Compreendemos esse entusiasmo, que é legítimo nos vencedores.

Eis as opiniões de alguns jogadores:

Zarra

— Ganhámos bem, embora os portugueses tenham jogado com valentia. Felix é duro, mas leal. Em Lisboa, embora com dificuldade, venceremos outra vez.

Puchades

— O jogo foi de «arrasar», mas decorreu com lealdade. Tíhamos que ganhar e por isso jogámos tudo por tudo nos primeiros 20 minutos. Travaços é um excelente jogador.

Gainza

— Gostei do trabalho de Xico Ferreira, Travaços e Felix. O resultado está certo. Os portugueses jogaram pouco, mas acredito que tenham mais valor do que o revelado.

Eizaguirre

— Os portugueses remataram pouco e fizeram uma exibição fraca. Ganhámos com merecimento e o árbitro não teve influência nenhuma no andamento do jogo nem no resultado que demonstrou a diferença entre as duas equipas.

Riera

— Tive «mala pata» por me magoar. Gostaria de jogar em cheio de princípio a fim. Vencemos bem, mas não demos provas de tudo o que somos capazes. Gostei de ver Travaços e Xico Ferreira. A linha avançada não me impressionou, no conjunto.

Ascenel

— Gostei do jogo que foi esforçado de princípio a fim. Os nossos adversários deram provas de energia e fôlego, mas não se mostraram uma equipa afinada. Houve notório desentendimento entre a defesa e o ataque. Os 5-1, demonstram como decorreu o encontro. O jogo de domingo, será novo triunfo para as nossas cores, embora obtido com muita dificuldade.

Molowny

foi o último a responder: não fui feliz no conjunto da minha actuação. Todavia, contribuí para esta brilhante vitória, que honra a Espanha. Portugal foi adversário brioso e valente, pelo que lhe presto a minha homenagem sincera. Agora é preciso confirmar o triunfo no domingo.

Depõem agora, individualidades portuguesas, que presenciaram o prélio.

Salvador do Carmo

o presidente do Comité de Selecção disse-nos: A equipa jogou abaixo daquilo que sempre esperei, devendo ter pesado no ânimo de todos, o ambiente apaixonado de Chamartín. O resultado é injusto e dá a perceber um desfalque de valores que não se verificou.

O que não tem remédio remediado está. Nada de carpir máguas, mas sim de encarar o próximo desafio com serenidade e confiança para que a vitória, que todos ambicionávamos, não deixe de nos sorrir... e sorrirá, tenho fé!

Ted Smith

— Os meus pupilos não jogaram o que eu esperava deles. Não reputo exagerado o resultado, mas sim o desfecho natural da partida, não só pelo que jogamos, como pelo que deixámos

jogar o adversário. Dos espanhóis, Gainza foi o que melhor actuou e dos nossos apenas Travaços e Xico Ferreira, cada um no seu estilo, deram mostras do que são capazes. Os outros, simplesmente irreconhecíveis.

Outros dois valiosos depoimentos:

Flávio Costa

o distinto seleccionador brasileiro afirmou: As duas equipas jogaram futebol de qualidade mediocre. Portugal mostrou-se inferior à Espanha, embora esta fosse mais forte no ataque do que na defesa. Creio mesmo que no vosso Estádio Nacional, a vitória hoje obtida será confirmada. Os espanhóis estão com boa preparação física e devidamente preparados podem fazer boa figura, frente a qualquer selecção, seja de que país for.

Guilherme Eizaguirre

o seleccionador espanhol, declarou: Ganhámos bem. Estou esperançado de conseguir, em Lisboa, um resultado que satisfaça as nossas aspirações. Não desconheço as dificuldades que será preciso remover, mas a equipa está cheia de confiança e moral.

Leafe

o juiz da partida, informou-nos de que o jogo foi muito veloz e entusiástico e que o resultado está certo. Os melhores jogadores dos dois países foram os extremos.

No regresso a Lisboa

Arquivamos mais estas breves depoimentos:

Capela — Não fizemos um jogo a contento. O resultado é pesado. Em Lisboa ganhamos. Serafim (do Boavista) — Jogámos menos do que eles e daí o termos perdido.

Dr. António J. Melo — A nossa actuação foi muito pobre. Houve falta de entendimento entre os sectores da equipa. No domingo, se o panorama for idêntico, não vejo possível a desforra.

Canário — Não se pode supor, o que sofreu. Aqueles três golos seguidos, foram um balde de água fria.

Não foi desta. Paciência!

Série II — Ano VIII — N.º 383
Lisboa, 5 de Abril de 1950

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.
Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

A TIMIDÊS DA EQUIPA PORTUGUESA

por JÚLIO CUETO

5-1. Por detrás destes números firmes esconde-se o grande segredo; o segredo de um triunfo espanhol que enche de júbilo o âmbito nacional. E naturalmente o cronista, como espanhol, participa da alegria deste triunfo. Talvez os portugueses pensem que, aproveitando o resultado, vou verter os meus melhores piropos castelhanos. Ou talvez haja quem pense que, citado para escrever em português, vou atenuar a derrota da selecção lusitana para salvar o compromisso e até para conquistar a simpatia do povo português. Mas este cronista já é um pouco velho. Vê o futebol, como tudo, no ângulo da experiência. E sem saber porquê, não se deixa impressionar pelos acontecimentos: nem levanta a sua voz entre o clamor popular, nem cuida tão pouco de ganhar simpatias desvirtuando os factos. Por outra parte Portugal e Espanha são uma mesma coisa. E a mim, pessoalmente, a esquisita cortesia portuguesa me conquistou há muito tempo. Por isso seguramente estou livre de paixão nestes encontros de futebol tão apaixonantes.

Observo e enumero com objectividade...

Sinceramente quero dizer-lhes que esta nova vitória do futebol espanhol é uma consequência natural de um temperamento empreendedor, valendo mais a improvisação do que a linha rígida de um sistema universal. A equipa, a nossa equipa move-se melhor pelo valor das suas individualidades que pela ordenação de um jogo que poderíamos chamar de *laboratório*. Aqui saiem os golos por que se buscam da maneira mais simples: em linha recta ou em diagonal, segundo tenham intervenção ou não os extremos. E nos extremos, em Basora e em Gainza, tem a equipa espanhola a chave de um sistema próprio de que é base principal a vontade impulsiva de Zarra. Na realidade a equipa representa uma orquestra futebolística com bons professores, que mesmo que percam o compasso em troca armam muito ruído. E o ruído do futebol, são golos...

Outra coisa é a equipa portuguesa: harmonia, suavidade, ágil de movimentos, rápida... Quase estou tentado a dizer, e não mentira, que como equipa resulta mais pura dentro de um sistema bem captado e orientado. Mas, com isso tudo, representa uma *orquestra tímida*. Boa de ritmo, mas sem empregar o ruído seco do remate. Inclusive creio que o pequeno Travaços se envergonhou um pouco quando, de quinze metros, disparou o único tiro saído dos pés da artilharia portuguesa. Porque o golo de Cabrita foi também puro ritmo: um remate preciso — precioso — mais hábil que violento.

FASES DE CHAMARTIN



As equipas de Portugal e da Espanha na saudação ao Generalíssimo Franco



DEPOIS DO TENTO PORTUGUÊS — Riera, magoado, espera ser assistido pelo massagista. Gonzalvo II mostra-se abatido...

E outra coisa: quando no decurso de cinco minutos recebeu a equipa portuguesa um terceiro golo, ficou demonstrada a sua capacidade, pois não perdeu a cabeça, nem a razão nem a cortesia que são em definitivo a base fundamental e mais elementar de uma boa preparação desportiva.

Este é o contraste observado entre o futebol de Portugal e o de Espanha. Não estranhem, pois, que este contraste o registre também o marcador com um resultado que tem aparência escandalosa: 5-1.



Os jogadores de Portugal e Espanha entram em campo, lado-a-lado, para dar começo, em Chamartin, a uma partida memorável, seguindo à frente o trio de árbitros ingleses



ANTES DO ENCONTRO — Capela, Travaços, Carnário, Ben David, Jesus Correia, Albano e o seleccionador Salvador do Carmo, admiram o aspecto do campo



PERIGO PARA AS REDES ESPANHOLAS — Cabrita rematou, mas Eizaguirre e Gonzalvo II estão atentos e cobrem bem a baliza. Ascensí e Travaços seguem com a vista, a trajetória do esférico

IMAGENS DE CHAMARTIN



Eizaguirre salta a uma bola alta, repelindo o perigo para longe



Eizaguirre sai oportunamente a travar um remate de Cabrita



Travaços luta com ânimo para passar o adversário



Asensi, magoado em choque com Cabrita, contorce-se no chão. O avançado-centro português impressionou-se com este lance e baixou sensivelmente de valor



Terminou a luta! Os jogadores abandonam o campo. Os portugueses, com a tristeza no coração, Inácio Eizaguirre e Virgílio cumprimentam-se



O conceituado treinador do Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, conversa com o nosso redactor

Flávio Costa

Concedeu à STADIUM,
uma interessante entrevista

O treinador do Clube de Regatas Vasco da Gama do Rio de Janeiro, que é ao mesmo tempo o seleccionador nacional do Brasil, nome conhecido e prestigiado em todo o mundo, veio de longada até à Europa, para apreciar de perto o futebol continental com vista à forma como deve ser encarada a fase final da preparação da equipa brasileira que disputará o Campeonato do Mundo, tendo chegado a Lisboa, na pretérita terça-feira.

O dinâmico e discutido técnico, que goza na sua pátria de uma popularidade que transcende a habitual, é neto de portugueses e sente-se enlevado com o nosso país. Gosta dele, como se fosse o seu.

Conversador fluente e concededor como poucos dos problemas que se relacionam com a bola, as afirmações que gentilmente produziu para esta revista, revestem-se de uma autoridade que não pode deixar de ser posta em evidência.

Fomos procurá-lo no hotel onde se encontra alojado com sua esposa a conhecida escritora e jornalista senhorinha Florita Costa, e em tom ameno e despreocupado, recolhemos as impressões que adiante vos oferecemos, enquanto os três sorvíamos a pequenos goles o sempre apetecível vinho do Porto.

Depois de nos ter dito que se deslocara ao estágio do Estoril para passar alguns momentos com os jogadores e lhes apresentar os melhores votos de boa sorte no prélio de Madrid, mas que os não encontrara porque a essa hora, segundo o informaram, estavam apresentando cumprimentos de despedida ao sr. Ministro da Educação Nacional, pediu-nos para que por intermédio da Stadium tornássemos público que era seu intuito dizer-lhes: *No Brasil há o sincero desejo de que Portugal esteja presente no Rio de Janeiro, por direito próprio. Portanto, é necessário vencer as eliminatórias com a Espanha, para que tal seja uma realidade.*

(Continua na página 40)

OS HÓQUISTAS LUSOS

vão deabalada até Montreux
à conquista de novos triunfos

COMEÇA a disputar-se depois de amanhã, em Montreux, pequeno burgo suíço que é ao mesmo tempo um grande centro de turismo, mais um torneio internacional de hóquei em patins: — a Taça da Europa. Estarão presentes as equipas de Portugal, Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Inglaterra, Itália e Suíça, ou sejam as de todos os países europeus praticantes menos a Holanda. Os alemães regressam à actividade depois da guerra e os portugueses têm nesta prova uma tarefa assás difícil — pois que, vencedores em 1948 e 49, se triunfarem de novo ficam na posse definitiva do troféu «Aurèle Chandoz». Esta missão que se impõe aos seleccionados lusitanos é realmente ingrata mas necessária levar a cabo para confirmação de prestígio do hóquei nacional.

Emídio Pinto, António Raio, Sidónio Serpa, que regressa às lides hoquisticas após o último campeonato do Mundo efectuado no Pavilhão dos Desportos, Correia dos Santos, Vasco Velez, Cipriano Santos, Fernando Figueiredo, José Dias e Fernando Cruzeiro — são as figuras que têm a seu cargo a defesa do hóquei português. Cruzeiro — que já tomou parte na Taça Lisboa — e Dias, são estreantes em competições de tal vulto. Seguem com a equipa os directores federativos cap. Santos Romão e Eduardo Tapadas, assim como o árbitro portuense Ar-

mando Veloso, antigo jogador do Académico.

Portugal disputará, pela ordem, os adversários seguintes: na sexta-feira, a Espanha e a Alemanha, respectivamente, às 15 e 20,30 horas; no sábado, a França, às 21,45; no domingo, a Bélgica e a Itália, às 15 e às 22 horas; e na segunda-feira, 10 penúltimo dia do torneio, a Inglaterra e a Suíça, às 15,35 e às 21,30. O «programa» como se vê, foi mesmo arranjadinho para complicar a vida aos hoquistas portugueses...

Que sejam felizes nesta nova deslocação para o estrangeiro — os valorosos campeões do Mundo. E que (esse é o nosso maior desejo) ganhem definitivamente a taça «Aurèle Chandoz» — para glória e prestígio do desporto luso. Boa viagem e, claro, mais um triunfo — quanto mais rotundo melhor.

★

Os últimos desafios (o torneio volta a reatar-se em meados deste mês depois do regresso da equipa de Montreux) tiveram os resultados seguintes: Académica - Sp. Oeiras, 4-2 e 4-5 (8-7); Campo de Ourique - Paço de Arcos, 3-2 e 2-0 (5-2). Ficam, portanto, na prova «aquelas duas turmas vencedoras e a do H. C. Sintra; esta disputará, com os ouriçueses, brilhantes triunfadores dos campeões de Lisboa, o direito de ir à final com o grupo da Amadora.

ANDEBOL

O grupo do Sarre venceu o F. C. do Porto

tema rotatório do basquetebol — mas teve dificuldade em despachar com rapidez o remate, ante uma equipa que applicava o muro defensivo (marcação por zonas, em vez da marcação individual).

Temos a certeza de que o jogo foi grandemente proveitoso aos nortenhos e no encontro ontem realizado a lição deve ter dado bons resultados.

Os visitantes extranharam de início o critério de arbitragem, pois no seu país já há um ano que foram abolidas no andebol as deslocações, antecipando-se assim à modificação das regras previstas para o Congresso de Viena. Segundo nos disseram os directores do Sarre a inovação

Grupos de futebol da F. N. A. T.



O onze do Grupo Desportivo Amadeu Gaudêncio, vencedor na série D de 2.ª categoria e que demonstrou rapacidade para se classificar entre os primeiros na «poule» final que começou a disputar-se no passado domingo — No primeiro plano da esquerda para a direita: Madeira, Amara Borges, Rui e Procópio. — De pé: Vidal, Ribeiro, Argentino, Monteiro, Pedro e Regiunho

FUTEBOL DE JUNIORES

BENFICA E ORIENTAL

têm de jogar terceira vez para apurar o campeão de Lisboa

UM velho e corriqueiro adágio diz: — «Não há duas sem três!» E, na verdade, assim sucede — pelo menos no que respeita ao apuramento do campeão de juniores da A. F. L. Benfica e Oriental já se defrontaram duas vezes na Tapadinha... e ainda não decidiram a questão do título — porque de ambas empataram, na primeira por 2-2 e na última por 1-1, esta no domingo. Aquilo, pelos vistos, está um pouquinho custoso! Ocorre até perguntar: — Qual virá a sair vito-

rioso de pugna tão prolongada?

Nas duas finais, com características inteiramente diferentes, os rapazes do Benfica e do Oriental portaram-se à altura das circunstâncias, lutando talvez melhor do que alguns aces — a darem assim um frisante e flagrante exemplo de tenacidade e desportivismo.

Seja qual for o vencedor (o vencido não sai diminuído da contenda) o caso de serem precisos três — ou mais... — jogos para uma decisão constituiu acontecimento fora do comum. Portanto, a merecer referência à parte, pelo que revela de perseverança e desejo firme de vitória.

Tanto benfiquenses como orientalistas têm dado tudo por tudo — e, na segunda parte do encontro-repetição, era visível a fadiga dos jovens jogadores ainda não habituados a desgastes de energia de tal natureza.

O Benfica, que na primeira partida teve o triunfo em mão, pois chegou a 2-0 para consentir depois a igualdade, viu gorada a sua intenção; no jogo repetido, foi o Oriental que melhor se comportou; com 1-0 ao intervalo, permitiu o empate aos 12 minutos do segundo período, mas teve na jogada de reatamento a vitória à vista — perdida por ligeira hesitação do seu avançado-centro. É certo que os campeões nacionais também desperdiçaram oportunidades, mormente uma, a quatro minutos do final, mas, vistas bem as coisas, justifica-se plenamente a necessidade de novo desafio. Oxalá seja «caso arrumado» — para um ou para outro. — J. M.

José de Eça

A estrela do grupo St. Ingelbert, do Sarre, contra o Futebol Clube do Porto, campeão nacional, deu aos nossos visitantes uma merecida vitória por 8-6, mas de forma alguma se pode considerar desprimorosa para o andebol português, pois os seus representantes deram sempre valorosa réplica aos fortes adversários e em momento algum se inferiorizaram no apego ao ataque ou na energia da defesa.

O grupo portuense demonstrou maior velocidade, empregou toada diferente à dos «sarrêses» — que prgridem por passes curtos e desmarcações que fazem lembrar o sis-

NATAÇÃO

Novo recorde mundial dos 200 metros-livres

Em Newhaven (Connecticut) o nadador australiano John Marshall bateu o recorde mundial dos 200 metros-livres, percorrendo a distância em 2 m. 04,6 s.

AUGUSTO SILVA

AUGUSTO SILVA vai regressar definitivamente a Lisboa. A sua proposta não pôde ser aceita pela nova gerência do F. C. do Porto, mas nem por isso o valoroso e correcto «olimpico» de Amesterdão deixará menos saudades na matéria dos desportistas portugueses.

Augusto Silva, elemento que conhecemos e estimamos há muitos anos, desde uma época em que havia respeito pelas tradições e se apreciavam serena e inteligentemente as qualidades e os direitos de cada um, deve regressar desiludido e magoado com alguns gestos e atitudes que teve de presenciar nos últimos dias da sua carreira de treinador do F. C. do Porto. Mas a despeito dessa nuvem negra, deve ficar com ele a certeza de ter correspondido inteiramente à amizade que lhe votavam os seus admiradores.

O antigo médio-centro de Amesterdão, para treinar o F. C. do Porto numa fase crítica abandonou o seu cargo junto da selecção nacional, perdendo com isso cerca de vinte contos e a possibilidade natural de fazer algumas viagens ao estrangeiro. E para continuar o papel de treinador do mais categorizado clube do Norte, precisaria de modificar a sua vida, transferindo-se de Lisboa para o Porto, abandonando inclusive o posto que ocupa na marinha. Isto era fundamental e de considerar!

Para isso, portanto, não podia Augusto Silva dar-se a um lugar de responsabilidade sem daí colher uma indemnização correspondente. De resto, sem motivos que tal justificassem, pois o sua situação era diferente, receberam Vascheto e Scoppell mais do que Augusto Silva pediu logo que se apresentou no clube.

Mas adiante. Estes eram estrangeiros; Augusto Silva — português. E como não queremos de nenhum modo, problemas internos que só aos interessados dizem respeito, vamos-nos refugiar na análise ao educadíssimo espirito de Augusto Silva, à sua preparação esmerada e inconfundível. Desejamos, de certo modo, que nem algumas atitudes repassadas de ingratitude, nem alguns escritos que devassavam sem esclarecer, tenham caído como chumbo derretido na alma de treinador tão correcto e de desportista de tão fino trato.

Augusto Silva, quando chegou ao Porto, não exigiu aos directores cessantes do F. C. do Porto a mínima garantia.

— Os senhores são honestos! Eu também o sou. Não preciso de cartas, de contratos, de assinaturas — de nada! Posso estar apenas até final da época, se quiserem. Em definitivo, entretanto, apenas nestas condições que aponto. Os senhores cumprem e eu cumpro!

E apontou-as lealmente, como homem digno, como profissional de firme personalidade. Levou tempo para se lhe dizer que não — e de que maneira, Santo Deus!

Mas lá fomos nós cair novamente num campo que pouco nos interessa. Continuemos apenas a «discutir» Augusto Silva. Continuemos apenas a julgar o nobre carácter de um elemento que tomou conta das equipas do F. C. do Porto numa situação difícil, nada impondo, antes pedindo, mas disposto evidentemente a uma recusa que envolvesse pelo menos o reconhecimento do seu esforço.

O ficar, ou não ficar, para Augusto Silva, era uma questão secundária. A sua vida legal, permitia-lhe optar, dando apenas um passo com os pés bem assentes no chão, e nunca procurando aventuras escusadas ou desnecessárias. Se nem todos o quizeram compreender — fizeram mal. E fizeram mal porque Augusto Silva, claro nos seus pontos de vista, discutíveis ou não, serviu-se do seu temperamento educado e sensato, não especulando com pessoas ou com as massas desportivas do clube que servia honestamente.

Regressa agora a Lisboa. O homem sentiu por certo bater na sua face uma bofetada que, por decôr e respeito que sempre tivemos pelo F. C. do Porto — nem queremos revelar aqui. Mas como se trata de uma pessoa inteligente, ficou no espirito do treinador a garantia de haver contribuído para melhorar certas condições deficitárias em que vivia a equipa.

Aponte-se ainda que é bem grande e solido o poder do F. C. do Porto, tão grande e tão solido que saberá a seu tempo significar a Augusto Silva a simpatia conquistada, merecida por quem soube insinuar-se junto do atleta e do bom defensor. Escreveu um colega que «os homens passam e o clube fica». Esta grande Verdade poderá aplicar-se hoje e sempre que alguma nódula atinja um organismo de boa raiz, e nisso confiamos abertamente.

Não se pense que defendemos a presença de Augusto Silva com todos os encargos para o clube. A situação do F. C. do Porto defende dentro de certa medida o procedimento directivo. De acordo. O que não pode é deixar-se sem uma referência de dor toda a cadeia de sucessos que procuravam atingir um desportista do melhor quilate, homem sério e incapaz de uma deslealdade.

Pela nossa parte, apeteçemos felicidades futuras ao atleta que aplaudimos nervosamente nos campos de jogo, pedindo-lhe para que continue a jogar o Porto com o seu comprovado bom senso e esqueça aquilo que o feriu de modo estranho.

RODRIGUES TELES

FALTA O "RABO POR ESFOLAR"

DE RAMON MELCON

QUE Portugal perdesse em Chamartin era coisa que prognosticamos na véspera do encontro. Inclusive supunhamos que a Espanha ganharia por dois golos, pelo menos, de vantagem. Mas não julgávamos que a vitória espanhola atingisse as proporções desses 5-1 com que terminou a partida entre as selecções dos dois países peninsulares.

A ausência de determinados jogadores, como Peyroteo, Rogério, Vasques, Azevedo, Araújo, Feliciano... afastados da equipa, ou por abandono, ou por doença, ou por razões que competem exclusivamente ao Conselho Técnico da Federação portuguesa, reflectiu-se mormente. Nem Arsenio nem Caiado, especialmente, têm classe semelhante a Araújo, Vasques ou Travaços, por exemplo; nem Cabrita, tendo feito um aceitável desafio, pode comparar-se a Peyroteo; nem Jesus Correia é o mesmo de há um ano e muito menos aquele que marcou seis golos ao Atlético de Madrid no encontro da minha despedida como árbitro.

Unicamente Travaços foi... Travaços. Esse sim, é um homem de classe, rápido, dominador, hábil e rematador formidável. Mas encontrou-se com um medíocre interior, que o ajudou pouco porque bastante tinha com entreter-se ele próprio.

Atrás, Francisco Ferreira, formidável médio de ataque, e Serafim, o mais seguro dos defesas portugueses. O resto não teve grande coisa de importância, pois Barrigana esteve indeciso nas saídas, e assim pôde marcar-lhe Zarra dois tentos de cabeça. Virgílio, rápido e seguro no despacho, mas incapaz de sujeitar Gainza. Felix, duro e trabalhador, tão pouco conseguiu marcar eficazmente Zarra. Barrosa, sem fazer um brilhante jogo, cumpriu bem.

A base da potência futebolística portuguesa era a superioridade do conjunto, a melhor

Publicamos neste Número dois belos artigos dos nossos amigos, críticos espanhóis de nomeada, Júlio Cueto, do jornal «Informações», e Ramon Melcon, de «Marca», qualquer deles muito conhecido e estimado em Portugal.

Mais uma vez eles confirmam a sua verdadeira classe, fazendo um depoimento em que ha agudeza critica e isenção, dando-nos conceitos e opiniões que certamente os leitores portugueses apreciarão devidamente. Para interpretar com exactidão o que se passou em Chamartin impunha-se tornar conhecida, também, a versão espanhola, e ninguém mais autorizado para o fazer do que Melcon e Cueto.

OS BELENENSES

na Alemanha Ocidental

Partiu na segunda feira para a Alemanha Ocidental, a equipa de honra do Clube de Futebol «Os Belenenses» que ali vai disputar três jogos de futebol.

Os «azues» exibem-se depois de amanhã, domingo e segunda-feira próxima em Hamburgo e Francfort.

técnica de jogo combinado dos seus componentes. Em Chamartin, porém, a velocidade e o remate dos dianteiros espanhóis, desorientou os adversários que não souberam aproveitar-se da oportunidade que lhes oferecia a lesão sofrida pela defesa central espanhol, Riera, aos 36 minutos de jogo.

O triunfo espanhol não quer dizer que já se tenha a eliminação assegurada. Falta, como por aqui se diz o rabo por esfolar. E isso deve suceder em Lisboa, onde os portugueses vão dizer se a sua acção em Chamartin foi o normal, ou se as suas condições e a sua classe podem dar lugar a alguma coisa mais eficaz e mais perigosa para os espanhóis.

ARCADIA DANCING DE LUXO

Apresenta, num programa de variedades sempre renovado, as extraordinárias bailarinas

Olga Mendoza — Hermanas Govecas — Mary-Mely — Hermanas Baron — Maria Luisa Royo — Zoraida — Hermanas Avila — Mary Arilla

Música constante pelas dinâmicas orquestras

Melody Boy's e Arcádia



A equipa de Portugal que jogou em Chamartin. No 1.º plano, da esquerda: Jesus Correia, Arsenio, Cabrita, Caiado e Travaços. No 2.º plano: Salvador do Carmo (um dos três Seleccionadores), Barrigana, Barrosa, Felix, Serafim, Virgilio e F. Ferreira



Gainza luta directamente contra Virgilio, tentando esquivar-se e dar seguimento à jogada



A equipa espanhola que venceu Portugal por 5-1, um resultado que se repete pela 2.ª vez na história dos dois países. No 1.º plano: Etxora, Malouny, Zarra, Panizo e Gainza. No 2.º plano: os dois Gonzalvos, Puchades, Asensi, Riera e Eizaguirre



Zarra ataca Barrigana! Felix acerca-se das balizas para hipótese de emergência. Vê-se Molowny em corrida



Zarra e Panizo jogam de cabeça, preparando-se Felix para intervir. Do lado direito vê-se Barrosa, e do esquerdo Caiado

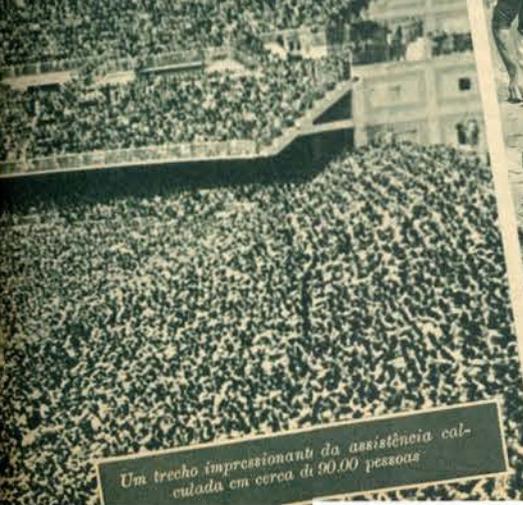


Riera quer cortar o caminho a Travaços, mas este consegue num movimento rápido passar a bola

Em Chamartin VENCEU A "FÚRIA" ESPANHOLA...



A asa esquerda, Malouny e Gainza, em acção, combina e desfaz-se



Francisco Ferreira e Gainza na cerimónia da escolha do campo. Jogavam contra o vento!



Zarra eleva-se magnificamente, e joga de cabeça não permitindo a intervir...



Um trecho impressionante da assistência calculada em cerca de 90.000 pessoas

Se Portugal fosse ao Brasil seria um delírio!

afirmou o
seleccionador nacional brasileiro

(Continuação da pág. 5)

Sobre a sua missão oficial, respondeu-nos que a Confederação Geral dos Desportos lhe confiara a missão de presenciar o futebol europeu, no seu meio, interessando-lhe sobremaneira o encontro Inglaterra-Escócia que se provará em Glasgow, dada a fama que gozam os dois países. De resto já conhece bem o futebol italiano, espanhol, francês e um pouco do nosso, não falando do argentino, que conhece profundamente.

Instado sobre se encontrava diferença entre o futebol europeu e o sul-americano, respondeu-nos:

— Há de facto sensível diferença. O nosso jogo é viril, veloz, dinâmico, impulsivo, com base na habilidade. Para se conseguir tal, o trabalho é aturado e paciente. O dos europeus é mais preconcebido, mais repousado, mais espectacular, alicerçado num sistema mais ou menos rígido.

— Quanto ao regime de preparação seguida pela turma brasileira, poderá informar-nos do critério seguido?

— Bem vê, foi a resposta — que o tema é melindroso. Cada um orienta como sabe ou como entende, de acordo com as características do meio e dos jogadores. O meu programa está subordinado a uma cuidadosa preparação física, técnica e tática, que será seguida escrupulosamente. Quando parti do Rio, os 28 seleccionados, entre os quais Barbosa, Tesourinha, Odemir, Brandãozinho, Prindaro, Juvenal, Zizinho, Friaça, Jair, Maneco, Chico, Ipojuca, Adãozinho, Bigode, Alfredo, Barbosa, Augusto, Ely, Danilo, Rui, Baltazar e Noronha, foram encaminhados para uma estância de repouso, onde sob a direcção e vigilância de médicos especialistas serão sujeitos a esse regime durante cerca de vinte dias. Depois começarão a trabalhar com a bola, com vista ao aperfeiçoamento de conjunto. O Vasco da Gama forneceu 10 jogado-

res e o S. Paulo 5, isto é, dois clubes deram metade dos jogadores convocados. Daí é fácil de concluir a sua valia e prestígio!

Prosseguindo:

— A selecção será constituída por novos e experientes, tendo em vista a qualidade. O conjunto será fácil de conseguir, dado o conhecimento que todos têm das características dos companheiros. Integrado no plano de preparação, uma equipa de prováveis, disputará em Maio, a Copa Rio Branco, contra a selecção do Uruguai, em dois prélios.

— Mas desses 28, somente poderão jogar 11, embora a lista a fornecer à «Fifa» comporte 22. Para quê, tantos seleccionados? — indagamos. A resposta foi pronta e significativa.

— Os 22 que escolher, podem ser chamados à selecção, conforme as circunstâncias aconselharem. Para os seis jogos que havemos de disputar, formarei o «combinado» de acordo com as características mais aconselháveis, tendo em vista a qualidade e a forma de actuar do adversário.

E a reforçar o seu ponto de vista:

— Com esses vinte e dois jogadores poderei conseguir várias formações, sem quebra de poder global, porque todos eles estão enquadrados no sistema de jogo preconizado.

Senhorinha Florita elucidou-nos:

— Meu marido faz praticar o futebol dirigido, isto é, o jogador não pode dar livre exteriorização ao seu gosto pessoal, actuando sob este aspecto. Tem que jogar de acordo com as necessidades da equipa e da forma que melhor a sirvam.

— No Brasil a expectativa pelo Campeonato do Mundo é grande?

— Não pode supor o interesse apaixonante que lavra em todo o território brasileiro pela disputa da taça «Jules Rimet». É uma autêntica loucura! O Estádio está quase concluído. Trabalha-se afano-

samente na sua conclusão e nas vias de comunicação que lhe darão acesso. O campo tem 106 x 70 metros por decisão da «Fifa», embora nós tivéssemos proposto as medidas de 115 x 75 metros. A capacidade está prevista para 155 mil espectadores sendo quase todos os lugares sentados! Caprichou-se em fazer obra magnífica com modelares instalações. Assim, os vestiários terão mesas de massagens e material cirúrgico para intervenções urgentes e gabinetes médicos de várias especialidades clínicas. O público poderá recorrer a um gabinete médico destinado especialmente para si, assim como se poderá utilizar de balneários próprios.

Depois de o felicitar-mos pelo que representa de grande a construção de tão maravilhoso estádio, inquirimos:

— O Brasil, confia navitória?

— Encarando o caso desportivamente — afinal o único que me interessa — declaro-lhe que se trabalhará com o maior carinho para conseguir uma representação condigna. Não nos falece o ânimo, mas não nos esquecemos do valor das nações concorrentes e do futebol que executam. Entre os que já estão apurados, contam-se a Inglaterra, Itália e Escócia, sendo possível também a comparação do Uruguai. Com estes adversários valorosos, tudo é possível e daí, o ser muito arriscado fazer conjecturas antecipadas. Tropeçar pode suceder a qualquer... Lamento imenso que a Argentina não dispute o Campeonato. Seria um grande adversário, cheio de prestígio e de valor indubitável, que tornaria muito mais brilhante a competição. Francamente tenho sincero desgosto!

— Que me diz do Vasco da Gama?

— Que é uma das grandes forças do Brasil. Estou lá desde 1947, altura em que abandonei o Flamengo. Renovei o ano passado o meu contrato, por mais três épocas. Assim carece de fundamento a noti-

cia posta a correr na Imprensa brasileira de que eu iria para o Bangu. Fantasias! A grande rivalidade entre os paulistas e cariocas, com predomínio dos primeiros, que no seu ambiente são um caso sério, dão a nota saliente do cenário futebolístico brasileiro! O bairrismo é superior, muitas vezes mais, ao vosso Porto-Lisboa!

— O Brasil gostaria de ver actuar os portugueses?

Flávio Costa, com entusiasmo e calor, asseverou:

— Se Portugal fosse ao Brasil, seria um delírio! Mas a deslocação de equipas de clubes portugueses, é um desejo sincero de todos, que ainda não puseram de parte a ideia de o conseguir. Já por duas vezes estive quase possível essa aspiração, mas vários motivos, que não interessa citar, fizeram fracassar as negociações. Contudo esse dia chegará e, então, os portugueses sentirão o calor da amizade e viva simpatia que lhe dispensam os brasileiros.

Flávio Costa é constantemente chamado ao telefone. Vários amigos e jornalistas reclamam a sua presença.

Senhorinha Florita, comenta: «Você parece que está no Brasil; a sua vida preocupada continua».

Flávio, com boa disposição, não responde, mas sorri.

Para remate deste agradável convívio, já depois de lhe termos agradecido e apresentado despedidas, arriscámos a última pergunta!

— Como parte na sexta-feira para Madrid afim de assistir ao jogo de Portugal com a Espanha, quer dizer-me quem ganhará?

— Embora a descrença e o pessimismo reinem em Lisboa, a última palavra será dita pelos atletas. Mas há jogos perdidos antes da pugna. Se os vossos jogadores souberem enfrentar o ambiente e contrapor o seu valor ao do adversário, tudo é possível... até a presença de Portugal no Rio de Janeiro!

PITTA CASTELEJO

Recordações e Episódios do Portugal-Espanha

A disputar-se, em Madrid, o 1.º Portugal-Espanha. É o baptismo de jogo dos portugueses, a sua estreia nas competições internacionais. Como ainda hoje acontece houve polémica à volta da selecção. O mal não é de agora — vem de longe... Vitor Gonçalves, um médio-centro que fez escola, foi designado à última hora. Mas a escolha foi bem recebida pelos restantes jogadores.

Antes do desafio levantaram-se dúvidas sobre quem devia ser o capitão: Jorge ou Vitor?

Alguém lembrou Vitor. E logo todos, a uma voz, disseram:

— Sim, Vitor deve ser o capitão!

Eis um pormenor que revela o espírito de camaradagem da época. E talvez nesse espírito deva filiar-se a magnífica estreia do «team» nacional...

NAS redes da Espanha estava, nesse 1.º Portugal-Espanha, o grande Ricardo Zamora, «el gran Ricardo», o das paradas maravilhosas... Os remates dos avançados lusitanos iam parar às mãos do extraordinário «skeeper». Até que...

...até que os espanhóis foram punidos com uma grande penalidade. Alberto Augusto recebeu, com a honrosia que o caracteriza, o ordem de executar o castigo. Foi na frente de Zamora. O árbitro apita e o «Batatinhas», com um jeito ao corpo, iludiu o adversário. Zamora atirou-se para um lado e a bola estrou pelo outro... enquanto sorrateiramente o Alberto piscava um olho aos companheiros.

Foi este o primeiro golo marcado por portugueses a Sua Magestade o rei dos guarda-redes!

AINDA no mesmo desafio os portugueses tiveram, no final, uma recuperação brilhante. A equipa atirou-se resolutamente para o ataque, apoiada pelos poucos portugueses que estavam no campo de Valecas, e a turma da Espanha cedeu, cedeu.

Ribeiro dos Reis era o avançado-centro do «team» nacional. E no auge da reacção, quando os espanhóis começaram a lançar mão de todos os recursos para não perderem a vantagem que tinham, Ribeiro dos Reis, pronunciou uma frase que ficou célebre:

— Carreguem rapazes, que eles não podem com uma gata pelo rabo!...

O 2.º Portugal-Espanha disputou-se em Lisboa, no então chamado Estádio do Lumiar, hoje estádio Alvalade.

Nas redes de Espanha lá estava o famoso Zamora. O «team» português apresentou modificações. No ataque figurava Jaime Gonçalves, que era o Peyroteo da época, célebre pelos acur remates atirados de qualquer distância, fosse a bola pelo ar ou pelo solo.

A certa altura Alberto Rio, com a sua boina típica, desceu pela esquerda, conduziu a bola até à linha de cobertura e de aí centrou. Jaime, em plena corrida, lança um pontapé tremendo — e Zamora nem viu por onde ela entrou...

A multidão (nessa época era umas vinte mil pessoas, se tanto) exultou. E Ricardo Zamora, orgulhoso, não querendo dar o braço a torcer, declarou:

— Sofri o golpe porque o Jaime não sabe chutar!

Não saberia, não, mas fazia golos...

NUM Portugal-Espanha, no estádio do Lumiar também, deu-se, alguns anos mais tarde, um caso idêntico. Só que o pontapé de João Francisco não bateu Zamora. Mas bateu na trave, com enorme fragor, deixando boquiaberto «el rei» Ricardo. Havia, então, menos de um minuto de jogo. Se a bola tem entrado, talvez que não houvesse de esperar tanto tempo para se registar a primeira vitória dos portugueses...

EM Sevilha, num desafio de triste memória, os portugueses foram batidos por 3-0. O resultado provocou discussão e o jogo foi designado por «jornada ingloria e de desluzidos»...

Correram rios de tinta, mas no meio de tanta amargura surgiu ainda uma nota humorística. Os golos da Espanha foram todos marcados pelo avançado-centro Zabala, um jogador hercúleo e que tinha um remate fulminante. E apareceu assim um trocadilho:

— Não admira que os espanhóis vençassem, com golos metido... Zabala!

E uma condição muito nossa — esta de até na desgraça se encontrar um motivo de riso...

O 3.º Portugal-Espanha foi ganho com um golo de Monjardin, um avançado-centro impetuoso, num golpe de fatalidade da nossa equipa. Pinho adiantava-se demastadamente e ao ver a bola dirigi-se, traçoetra, para as redes lançou-se numa correria desabalada, no desejo de ainda evitar o ponto. Era tarde, porém, e o seu gesto de contrariedade ficou como a nota de mais profunda emoção do desafio.

PARA o Campeonato do Mundo disputou-se em Chamartin o primeiro jogo da eliminatória ibérica. Perdemos por 0-1...

Passaram-se muitos anos, mas nunca mais esqueceremos a atitude de umas simpaticísimas espanholas, de cabelos platinados — a grande moda de então...

Já o resultado estava em cinco ou seis a zero quando uma delas descobriu a nossa qualidade de portugueses. Estávamos perdidos no meio da bancada — Tavares da Silva, Artur Inês e nós — e era com amargura — mais acentuada por não podermos responder como desejaríamos às «munchachas» — que lhes suportávamos o desagradável piropo. Sempre que os espanhóis marcavam um golo, voltavam-se para nós, de dedos espetados, e gritavam:

— Mas uno! Mas uno!

— Se pudessemos — que resposta, Santo Deus!...

UM dos portugueses que acompanharam a equipa a Madrid foi o capitão Maia de Loureiro.

Na manhã seguinte sentiu baterem-lhe à porta do quarto do hotel onde se instalara. Era o criado. Meio a dormir, meio acordado, o capitão Maia de Loureiro mandou entrar e virou-se para o outro lado.

Atenciosamente o criado perguntou-lhe:

— Desayuno? (pequeno almoço).

Maia de Loureiro acordou então de vez e repôs a verdade histórica:

— Nove a zero, nove a zero é que foram!...

NA história do Portugal-Espanha não muitos os azares do onze nacional.

Em 1930, quando o futebol português estava dividido por um incidente que deu brado, o jogo realizou-se no Porto. A equipa lusitana não representava o melhor e, no entanto, veio a perder com um golo dos arreliaadores. Uma maldade de jogadores e um remate de Peña — passando a bola por entre uma floresta de pernas...

Assim se perdeu este encontro!

EM 1945, na Corunha; estivemos quase a cometer uma proeza: ganhar à Espanha e fora de casa! Seria, realmente, sensacional. Mas a sorte virou-nos as costas e Francisco Ferreira fêz uma «grande penalidade», que talvez fosse decisiva.

Depois, um quarto-de-hora de fúria espanhola, fez o resto. Perdemos, mais uma vez, mas dando a indicação de que sem «el santo de espaldas» teríamos possivelmente ganho.

ESSA indicação materializou-se dois anos depois, em 1947 — o grande ano do futebol português.

O «team» seleccionado por Tavares da Silva venceu brilhantemente por 4-1, reagindo vigorosamente ao primeiro ponto de «nuestros hermanos».

Nessa série de notas sobre o Portugal-Espanha esta fica como chave de ouro!

M. M.

A EVOLUÇÃO DO VOLEIBOL

A Federação Portuguesa de Voleibol editou as novas leis do jogo, conformes ao texto adaptado no Congresso Internacional de Praga, em Setembro do ano passado.

Nas palavras de apresentação que abrem o folheto, o nosso camarada dr. Salazar Carreira, diz-nos: «As regras actuais, cuja principal inovação é a liberdade de remate pelos jogadores defezas, atrás de uma linha traçada a três metros da rede, consagram a tendência para a valorização atlética do voleibol. Jogo dotado embora de maleabilidade que permite a sua prática em todas as idades e condições, o voleibol de competição especializado é um exercício que requer sérias qualidades atléticas e uma perfeita e completa preparação física.»

Esta forma de evolução, que traduz propósitos de aperfeiçoamento técnico, de aumento do índice espectacular desportivo, não é particularidade do voleibol, mas sim norma geral nos orientadores de todos os jogos de equipa, desde o andebol ao rãgbi, passando pelo próprio futebol. Qual é o jogo desportivo que con-

serva intactas as suas regras iniciais?

Estamos em dizer que nenhum.

A liberdade agora concedida aos voleibolistas da linha de defesa, de rematar além da zona de avançada é uma consequência da necessidade de encontrar uma manobra ofensiva que lutasse contra a acção inibitória do bloco. O ataque é sempre o objectivo dominante nas táticas desportivas e, cada vez que os técnicos encontram maneira de lhe opôr barreira eficaz, logo se procura outra combinação que lhe retome a vantagem.

E' este, por exemplo, o caso típico do andebol, no qual o muro de defesa architectado pelos escandinavos criou uma situação de prodomínio destructivo que levou os técnicos ao estudo de alterações a introduzir na brecha no sistema.

Assim sucederá sempre, na constante aspiração do melhor, que domina o espírito dos homens: o melhor pela forma e o melhor pela satisfação de triunfar de quantas dificuldades se antepõem aos seus desejos de triunfo.

BASQUETEBOL

Análise do Campeonato Nacional

A acumulação de original, provocada pelos encontros internacionais, não nos tem permitido acompanhar com regularidade o torneio máximo de basquetebol. Vamos hoje, em breve síntese, arquivar os pontos mais importantes das duas primeiras jornadas, reservando mais largo comentário para crónica futura.

Os resultados verificados foram os seguintes:

Académica, 23 — Sangalhos, 18
 Vasco da Gama, 35 — Algés, 28
 Benfica, 39 — Barreirense, 34
 Fluvial, 20 — Atlético, 19
 Atlético, 30 — Benfica, 27
 Académica, 38 — Algés, 16
 Vasco da Gama, 46 — Sangalhos, 31
 Fluvial, 29 — Barreirense, 27

Em virtude dos quais a classificação ficou assim ordenada:

	J.	V.	D.	Marc.	P.
Académica	2	2	—	61-34	4
V. Gama	2	2	—	81-59	4
Fluvial	2	2	—	49-46	4
Atlético	2	1	1	49-47	3
Benfica	2	1	1	66-64	3
Barreirense	2	—	2	61-68	2
Saagalhos	2	—	2	49-69	2
Algés	2	—	2	44-73	2

Temos portanto ao cabo das duas saídas iniciais, três clubes sem derrotas: Académica, Vasco da Gama e Fluvial, ou seja, os campeões de Coimbra — que são também campeões nacionais — e os dois representantes do Norte.

Com efeito, os estudantes principiaram bem, com uma vitória fora de casa, em Sangalhos, frente aos campeões de Aveiro, e com um triunfo no seu terreno sobre o Algés e Dafundo — uma equipa bem apetrechada, capaz de surpreender os melhores. O torneio está no seu começo, é ainda muito cedo para

formular quaisquer vaticínios, mas tudo parece indicar que a voluntariosa equipa coimbricense está disposta a honrar o belo título que ostenta.

Os dois clubes nortenhos, Vasco da Gama e Fluvial, conquistaram duas vitórias preciosas. O Vasco da Gama, principalmente, tem fartos motivos para se considerar um dos favoritos do campeonato. Além disso é colectividade com largo historial no basquetebol português e há-de certamente querer manter as suas brilhantes tradições. Quanto ao Fluvial, há a pôr em relevo, não só a vitória pela diferença mínima sobre o Atlético, mas também o belo e difícil triunfo conseguido no Barreiro, frente ao campeão de Setúbal.

O Atlético cometeu uma proeza bonita, vencendo os campeões de Lisboa. O Benfica afirmar-se-á, certamente, nas jornadas futuras, com todo o seu valor e possibilidades — que muitas são.

Barreirense, Sangalhos e Algés — apenas com derrotas, ao cabo das duas primeiras rondas — são, no entanto, equipas valiosas, às quais está reservado importante papel na competição. Equipas, em suma, com que há que contar.

Analisando os resultados e contemplando a tabela conclui-se pela notória igualdade de valores. Há realmente um conjunto de equipas de nível muito aproximado, o que muito vem valorizar o Campeonato, chamando à liça cinco regiões diferentes, numa bela contribuição para a difusão e propagação do basquetebol. O torneio máximo apresenta-se repleto de interesse e fértil em encontros de vencedor difícil de eleger. Tanto melhor.

ABREU TORRES

O GOLO DE PORTUGAL



Aos 28 minutos, Cabrita progrediu no caminho das balizas! Eizaguirre, como última solução, saiu das redes para lhe arrebatá-la. O avançado-centro português livrou-se, porém, do obstáculo, descaiu mais do que devia para o lado esquerdo, mas, mesmo assim, teve um remate da melhor colocação e fez golo!



Gonzalvo II, vendo o perigo do golo na jogada de Cabrita, ainda tentou o impossível, mas caiu dentro das balizas sem evitar a marcação da bola. Riera, às voltas com a sua lesão, abandona o terreno

GOLOS DE CHAMARTIN



Aos 12 minutos, Basora centra por alto, e Zarra remata de cabeça a 1.ª bola, que quase passa ao alcance de Barrigana

TRÊS BOLAS DE ESPANHA EM TRÊS MINUTOS



Aos 13 minutos, após um falhanço de Molowny, a bola vai parar aos pés de Basora, que, na posição em que vemos, remata sem remissão a segunda bola de Espanha



Aos 14 minutos, depois de uma série de passes entre Molowny, Zarra e Panizo, este, num pontapé imparável rematou o 3.º tento. E a fúria espanhola — felizmente — amareceu



Eizaguirre defende por alto uma bola e livra-se de Jesus Correia ao ataque. Asensi, Gonzalvo III e Puchades seguem o movimento da bola. Os portugueses Cabrita e Arsénio também estão interessados no lance



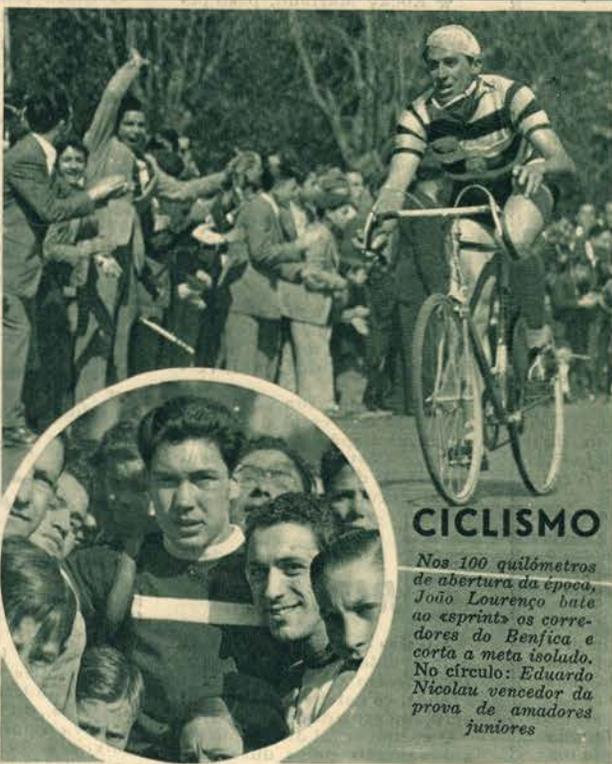
A turma do **DESPORTIVO DA CORUNHA**, segundo classificado do Campeonato de Espanha, que nas Salésias, foi derrotada por 4-1 pelo «Os Belenenses», num jogo que foi presenciado com muito interesse por numeroso público.

Ao lado: Uma movimentada fase deste encontro.



TLETISMO

Manuel Gonçalves, do Benfica, venceu pela 5.ª vez consecutiva a Maratona Nacional.



CICLISMO

Nos 100 quilómetros de abertura da época, João Lourenço bate ao «sprints» os corredores do Benfica e corta a meta isolado. No círculo: Eduardo Nicolau vencedor da prova de amadores juniores



ANDEBOL



O Sportverein St. Ingbert, vice-campeão do Sarre bateu por 8-6 o F. C. do Porto, campeão nacional da modalidade. Em cima a equipa germânica; em baixo um dos golos dos portugueses marcado por Paulo



NOVO EMPATE NA FINAL DE JUNIORES



O Benfica e o Oriental voltaram a empatar, desta vez por 1-1. As fotos reproduzem os dois marcadores — Gomes e Abel — e a fase que proporcionou o empate aos encarnados



O grupo de futebol da casa Horácio Alves Ld.ª, que se está evidenciando apesar de recentemente fundado. No primeiro plano da esquerda para a direita: Nunes, Armando, César, Faustino e Manuel; de pé: Jaime (árbitro), Coelho, Dias, Artur, Gambos, Lute

NOTA DA SEMANA

O belo desporto das armas de lâmina — florete, sabre e espada — tão deploravelmente abandonado pela juventude portuguesa, apesar das suas tradições e pergaminhos, mantém-se vivo, como há meio século, nos países onde floresceu, criando fortes raízes.

A Itália e a França sustentam, ainda, uma velha rivalidade de escolas; a Hungria conserva a flâmula da hegemonia, no sabre; e outras nacionalidades se acotovelam anualmente, quando surge oportunidade de conquistar posições subalternas em torneios importantes. Há, por conseguinte, fóra de Portugal, verdadeiro interesse esgrimístico o que destrói os argumentos apresentados pelos seus detractores e que são o estreito convencionalismo do jogo das armas, o seu pouco valor como espectáculo e o desequilíbrio orgânico provocado pela prática assídua.

A popularidade dos desportos de assimilação fá-cil, como o futebol, para que não é imprescindível uma aprendizagem longa, emparelhando com as maiores possibilidades dos jogos colectivos, parece-nos a característica fundamental da nossa época. O rumo dos acontecimentos está errado, a nosso ver, pois os benefícios morais e orgânicos da prática desportiva crescem em escala supina, nos exercícios individuais, e são, portanto, de maior interesse.

Acabamos de saber um progresso importante que diz respeito ao florete. Encontra-se em ensaio um processo eléctrico de sinalização de toques, inventado pelos engenheiros italianos, Carmina, capaz de separar os toques regulares dos toques sem valimento.

O aparelho dispõe de uma faixa luminosa para cada atirador e este reveste-se com uma cota de malha, finíssima, cobrindo as zonas do corpo em que os toques são válidos. Quando a ponta da arma do adversário acerta fóra da cota, a faixa luminosa fica vermelha e se o toque se fizer na área regulamentar, aparece um sinal branco, no écran.

O invento não é absolutamente perfeito mas facilita imenso as decisões do juiz-árbitro, segundo afirmaram alguns técnicos, em especial, De Beur (belga) e o sueco Drogenberg.

Trata-se dum importante passo em frente, cuja utilidade é indiscutível. Mas, acima de tal utilidade, encontra-se o facto da esgrima interessar tanto algumas cerebrições, como as dos engenheiros Carmina, prova cabal da sua perpetuidade como desporto.

A legislação do futebol encontra-se num grau de grande apuramento, quanto aos incidentes do jogo, penalizações, etc., mas atribui ao árbitro uma forte soma de responsabilidades.

Pondo de lado a complexidade do código, fonte segura do desentendimento do público para com o dirigente dos desafios, sobregarrega-o demais quando lhe destina funções de cronometrista em regra desempenhadas por terceiros nos vários desportos, como o boxe, luta, esgrima, etc.

Igualmente, nos parece anti-desportiva a sua inflexibilidade, quando anula golos ou os concede em prejuízo da verdade dos factos, à vista das multidões e em que o árbitro é a única entidade iludida. Concordemos que isso não favorece o respeito pela função, e ajuda muito ao desprestígio da mesma.

Confirmando esta ideia, publicou certa revista uma série de instantâneos fotográficos, tomados durante um desafio para o campeonato da Austria. O extremo-esquerdo de um dos grupos entrou a bola sobre a baliza e o guarda-redes defendeu a soco, para perto. Acto contínuo, o avançado-centro do grupo atacante rematou às redes, colhendo o esférico no ar, e por certo faria um golo se não fosse defendida, aparatosamente, pelas mãos de um jogador do team contrário, mesmo sobre a linha.

Tudo sucedeu como nas mágeas, entre dédmos de segundo, embora fosse clara a irregularidade, que o árbitro — tapado pelo magote de jogadores — foi o único a não perceber.

O público exigiu o castigo máximo, bradando contra a decisão do juiz, mas este não quis conceder-lo por preço algum. Pergunta-se: Concebe-se um código desportivo que transforma a única autoridade em vítima dos seus próprios erros? Ou, não seria melhor e mais justo, diminuir-lhe as atribuições, de acordo com a fidelidade humana?

A resposta já está pronta na consciência do leitor como na nossa. O que falta é mover a rotina, o conservantismo dos anglo-saxónicos, que não cedem ao primeiro impulso nem perfilham as ideias dos outros.

RAFAEL BARRADAS

a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

BOXE

Rinty Monaghan, campeão mundial de «minimos», pendurou em definitivo as luvas. Abre-se, assim, um hiato na sucessão natural dos titulares da categoria. Causa: doença grave de Rinty.

★ Joe Louis prometeu, vagamente, voltar ao ringue e combater Ezzard Charles no próximo verão. Afirmou que os empresários lhe recusaram 35 por cento da receita, logo, aceita o seu regresso à actividade.

★ Rocky Mariano, peso pesado dos Estados Unidos, da fornada de jovens ambiciosos, ganhou por pontos a Roland la Starza, no Madison Square Garden, de Nova York. É a 27.ª vitória consecutiva, mas os seus adversários anteriores não tinham muito que os enobrecesse.

★ Freddie Dawson, o excelente pugilista negro de Chicago, verdadeiro rival do campeão Ike Williams, dominou nitidamente Charley Salas em 10 assaltos.

★ Luis Santiago, pupilo e protegido de Inácio Ara, actual campeão de Espanha, de semi-leves, bateu o inglês Tommy Bailey, por pontos, em Liverpool.

★ Ray Robinson, detentor do título universal de «semi-médios» dispôs facilmente de George Costner, no Convention Hall, de Filadélfia. A batalha durou menos de 3 minutos.

RUGBY

A Gales concluiu a época da bola ovoides sem uma derrota. Jogando em Cardiff contra a França, os galenses ganharam amplamente o desafio por 21-0.

O encontro foi disputado vigorosamente pelas duas partes e decorreu com equilíbrio até metade do primeiro tempo. Depois, tendo-se lesionado de gravidade o defesa Prat, com fractura do perónio, Blé-nés, com uma entorse no joelho, os franceses foram-se abaixo irremediavelmente.

FUTEBOL

Bordéus ocupa o primeiro posto no campeonato divisionário francês, com 2 pontos de avanço sobre Lille que o persegue na companhia de Toulouse.

Quanto à Taça de França, as meia-finais efectuam-se entre o Racing C. Paris e Nîmes, por um lado, e Reims e Troyes, do outro. A data prevista é o dia 16 do corrente.

TENIS

Terminaram, em Nova York, os campeonatos dos Estados Unidos (pista coberta) com a vitória pouco esperada de Donald Mac Neill, sobre Fred Kovaleski, por 11/9, 4/6, 6/2, 6/3. O vencido eliminara Billy Talbert na meia-final e Mac Neill derrotara Budge Patty, depois de 5 partidas assaz disputadas.

O par Jean Borotra-Budge Patty sucumbiu na final de pares, contra Talbert-Mac Neill, por 6/1, 8/6, 9/7.

O título feminino coube a Miss Nancy Chaffee.

★ O veterano tenista alemão Gootfried Von Cramm, ao cabo de um duelo de duas horas e meia, ganhou o campeonato de Alexandria. Foi seu adversário o excelente jogador checoslovaco J. Drobny que perdeu por 8/6, 6/2, 9/11, 6/4. Desta feita, Von Cramm ascende aos primeiros lugares do tennis europeu, como há quinze anos atrás.

★ Em Filadélfia, Pancho Gonzalez qualificou-se, para a final do Campeonato do Mundo profissional (pista coberta) batendo Bobby Riggs, por 8/6, 10/8.

Deve encontrar Jack Kramer que derrotou na outra meia-final, Frank Kovacs.

NATAÇÃO

A nadadora holandesa Geertje Wielema conseguiu uma nova proeza de realce, batendo o record mundial de 100 jardas (costas) no tempo de 1 m. 46 s. É evidente que o record dos 100 metros, pertence a Miss Cor Kint, também holandesa, que está em 1 m. 10.9 s., situa-se ao alcance da nova ondina dos Países-Baixos, se bem que a crítica o considere uma das melhores marcas da natação feminina.

Miss Geertje Wielema tem apenas dezasseis anos incompletos, pelo que as suas proezas devem ser extraordinárias em 1952, quando se disputem os Jogos Olímpicos, de Helsinquia.

★ O grande nadador japonês, Furuhashi, exibindo-se em S. Paulo (Brasil) durante os campeonatos da nação irmã, percorreu 400 metros (estilo livre) em 4 m. 47 s.

Os 100 metros foram ganhos pelo nipónico Hamagushi, em 58,7; os 200, por Muramaya, em 2 m. 16.8 s.; e os 800 por Hashizume, no tempo de 10 m. 18.5 s.

A altitude da cidade de S. Paulo (cerca de 1.000 metros) não consentiu melhores tempos aos participantes japonezes.

Um encontro célebre com a equipa de Espanha

O duelo Portugal-Espanha para o Campeonato do Mundo a Realizar no Rio de Janeiro vai continuar. Não sei do resultado. Do de Madrid, à hora a que escrevo, nem isso interessa verdadeiramente. Os técnicos que a Revista mandou à capital espanhola dirão muito melhor do que eu diria o que foi esse pleito em que os espanhóis, sobretudo, puseram toda a sua tradicional fúria.

Recordo agora, apenas, outras lutas que os futebolistas das duas nações travaram em épocas passadas — lutas que ficaram assinaladas pela superioridade dos castelhanos.

A grande sorte do jogo, pese isso embora ao maior valor do futebol espanhol, esteve sempre com ele.

Só de uma vez tiveram o pássaro na mão e deixaram-no fugir. Não me lembro o ano nem estou agora para enfiar esta desluzida crônica com números estatísticos que seria fácil recolher.

Sel, apenas, que se fez um estágio na Quinta dos Ingleses, em Carcavelos. Um inglês

muito amigo dos portugueses, o major Montgomery, pusera as soberbas instalações do Cabo Submarino às ordens da Federação. Uma grande firma industrial cedera o material para uma enorme camarata em que ficamos — jogadores e dirigentes.

Fez-se, nessa altura, um grande cuidado na preparação física da equipa. O António Soares era o professor de ginástica. O saudoso Artur José Pereira treinava. Cândido de Oliveira era o seleccionador cuidadoso de sempre. A mim entregou-se-me a missão de comissário dos abastecimentos. Tenho a certeza de que nenhum jogador dessa valente equipa poderá dizer mal do serviço de restaurante...

Após quinze dias de estágio, com alimentação super-abundante, não eram jogadores — eram toiros...

No dia do jogo — foi um sucesso. O campo havia sido relvado à preça, por exigência expressa dos espanhóis, mas apresentava um aspeto admirável. Fora construída uma bancada de madeira, muito linda, no tampo norte do então campo do Estádio — hoje per-

tença do Sporting. As defesas de organização orçavam por trezentos e trinta contos — uma verba que nem sequer se admitia que fosse possível realizar. Pois o lucro líquido do jogo atingiu aproximadamente trezentos contos. O sucesso financeiro correspondera inteiramente à impecável organização.

No ponto de vista desportivo é que o caso foi mais sério. Ao intervalo os espanhóis venciam por 3-0. Fizeram uma exibição enorme e foram felizes no remate. Na cabina, ao intervalo, a fé da equipa portuguesa era a mesma. Calcule-se... Era uma fé frutificada. Ao fim do encontro verificava-se um empate a três bolas. A equipa portuguesa fez uma segunda parte estupenda. O golo do empate, da grande penalidade mereceu do guarda-redes espanhol e actual seleccionador uma ponta de dúvida quanto à sua legalidade. Eu, que estava atrás da sua rede, como português valente, irritei-me muito com Eiza-guirre — e gritel:

Penalty-sim! Penalty!

M. S.

HOQUEI EM PATINS

ANALISE SUCINTA DAS TRES ELIMINATORIAS DA TAÇA DE HONRA

A ronda final da Taça de Honra, primeira competição de hoquei em patins da temporada, passaram Académica da Amadora, Campo de Ourique, Hoquei de Sintra, Paço de Arcos e Sporting de Oeiras. Os ori-quenses entram nesta fase por isenção do sorteio, e os novos campeões nacionais também — mas, enquanto aqueles não jogaram na última eliminatória estes tiveram no Benfica um adversário que quase lhes ia entrando a marcha vitoriosa e ascensional.

Nesta prova, que é pela primeira vez a eliminar em duas mãos, prevalecendo o melhor resultado de conjunto no respeitante a golos desde que se verifique igualdade de vitória e derrota, registaram-se os resultados seguintes: 1.ª eliminatória (26 de Fevereiro e 6 de Março) — Campo de Ourique-Colégio Militar (estrangeito), 3-1 e 4-3 (7-4); Académica-Parede, 5-0 e 6-2 (11-2); Futebol Benfica-Cuf do Barreiro, 10-1 e 9-2 (19-3); Hoquei de Sintra-Hoquei Clube, 17-1 e 17-0 (34-1). 2.ª eliminatória (3 e 10 de Março) — Ateneu-Lisboas, 5-2 (8-2); Camis-Sporting das Caldas, 8-0 e 11-1 (19-2); Benfica-Naval Setubalense, 11-0 e 12-1 (23-1); Paço de Arcos-Algés, 10-0 e 6-2 (20-2). 3.ª eliminatória (13 e 17 de Março) — Académica-Cascais, 4-1 e 6-0 (10-1); Sporting de Oeiras-Ateneu, 6-1 e 4-2 (10-2); Paço de Arcos-Futebol Benfica, 5-3 e 3-4 (8-7); Hoquei de Sintra-Benfica, 7-6 e 3-3 (10-9).

Nas duas primeiras eliminatórias houve muitos estragos... e as «vitimas» (conforme os resultados claramente indicam) estavam antecipadamente previstas! O Hoquei de Sintra obteve as duas melhores marcas e um recorde de 17-0 difícil de igualar; mas o Paço de Arcos — eterno rival — quase o ia alcançando, com os 14-0 do primeiro encontro à Liga de Algés, estrangeito na Taça. Mas já na eliminatória seguinte as coisas mudaram de rumo: o Futebol Benfica impôs um prolongamento aos campeões de Lisboa, numa partida, infelizmente, assinalada por acontecimentos deploráveis e que é bom não se repetirem, acabando eliminado apenas por um golo de diferença — enquanto o Benfica, defrontando os campeões de Portugal, também conseguiu um honroso empate, no jogo de repitação, tendo estado igualmente à beirinha do prolongamento.

Pires e Velez (16), Correia dos Santos (15), Saúl (12), Dias (11), Lisboa, Machado e Carreira (10) foram os melhores marcadores de golos das eliminatórias — creditando-se o jogador do Paço de Arcos (9) do recorde num jogo: contra Algés.

JORGE MONTEIRO

AS GRANDES TRANSAÇÕES DO FUTEBOL

ZIZINHO

o famoso jogador brasileiro trocou o Flamengo pelo Bangu

Final Zizinho, o famoso interior da América do Sul, acabou mudando de clube. Ao fim e ao cabo, Ziza trocou o Flamengo pelo Bangu. Preço: 600 mil cruzeiros em dinheiro e dois encontros entre os dois clubes com um mínimo de 200 contos para o Flamengo, o que perfaz a quantia de 800 mil cruzeiros pelo passe do famoso jogador. Para Zizinho: 14 mil cruzeiros por mês de vencimento fora prémios de jogos. 200 mil cruzeiros de luvas por um contrato de 2 anos e atada um estabelecimento na cidade de Niteroi.

O VASCO DA GAMA

em digressão pela Europa

O Vasco da Gama está interessado em nova digressão pela Europa, depois do Campeonato Mundial. No entanto parece que não será só a equipa vascaína a excursionar. Na sua bagagem poderá trazer também as camisolas da Federação e Confederação visto que dez dos seus onze elementos continuam sendo imprescindíveis nos seleccionados da cidade e nacional. Na Europa será só mudar de camisola e representar o Vasco da Gama, o Distrito Federal ou o Brasil...

GUILHERME MARTINS

vai combater no Brasil

Guilherme Martins, o campeão português de boxe da categoria dos médios, acaba de firmar contrato para lutar na cidade de São Paulo contra o argentino Zacarias e logo a seguir contra o brasileiro «8» que acaba de fazer interessante campanha em «rings» norte-americanos. Guilherme mostra-se confiado e optimamente preparado sobre a orientação de Serafim Cardoso, esperando continuar a série de vitórias que vem mantendo.

HIPISMO

OS IRMÃOS MENDIA

EM EVIDÊNCIA NESTE COMEÇO DE ÉPOCA

POR absoluta falta de espaço fomos forçados na passada semana a publicar apenas uma curtíssima legenda em referência às «poules» que a S. H. P. vem organizando e que tanto êxito tem alcançado.

Era impossível em seis linhas de composição tipográfica dar ao leitor os comentários que as provas nos sugeriram e hoje seria já extemporâneo fazê-lo.

Há todavia uns breves apontamentos que não queremos deixar de referir, tão fortemente eles se vincaram no desenrolar das competições. Reportamo-nos ao brilho das vitórias alcançadas por D. Ana de Mendia, no seu novo e bom «nglo-árabe» «Frondeur», à do tenente Cruz Azevedo, na pequena mas generosa «Faneca» e à do capitão Rhodes Sérgio, obtida sobre «Castiço», um argentino da última remonta que reapareceu esta época na melhor forma — ganhando aos ases.

Se dos dois cavaleiros a que nos referimos nada de novo há a dizer por serem do conhecimento geral as suas qualidades de concurrentes, outro tanto e não dá com D. Ana de Mendia que, com seu irmão Henrique, está este ano a atrair as atenções gerais.

Se é certo que os dois irmãos já se haviam revelado em 1949, não é

menos verdade que têm tido actuação meritória neste começo de época.

Admiravelmente bem montados, ela com «Frondeur» e «Gibraltar», ele com «Ardent» e «Amilcar», conseguiram impor-se à admiração de todos, alcançando uma posição de relevo, se atendermos à reduzida idade de ambos e ao pouco tempo que tiveram para trabalhar os cavalos.

Desembaraço e intuição, a par da sua habilidade — bem aproveitada pelo seu mestre major Mena e Silva — tem sido revelados por Ana e Henrique de Mendia, cuja actuação esperamos ver em provas de maior responsabilidade. Têm para isso valor e cavalos...

Como último apontamento referimos-nos com prazer ao aumento considerável de público, de domingo para domingo. Tribuna e peão cheios, a revelar o interesse que o hipismo lhe está merecendo.

ANTAS TEIXEIRA

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número . . . 2\$50
3 meses, Esc. 32\$50
6 » » 65\$00
12 » » 130\$00



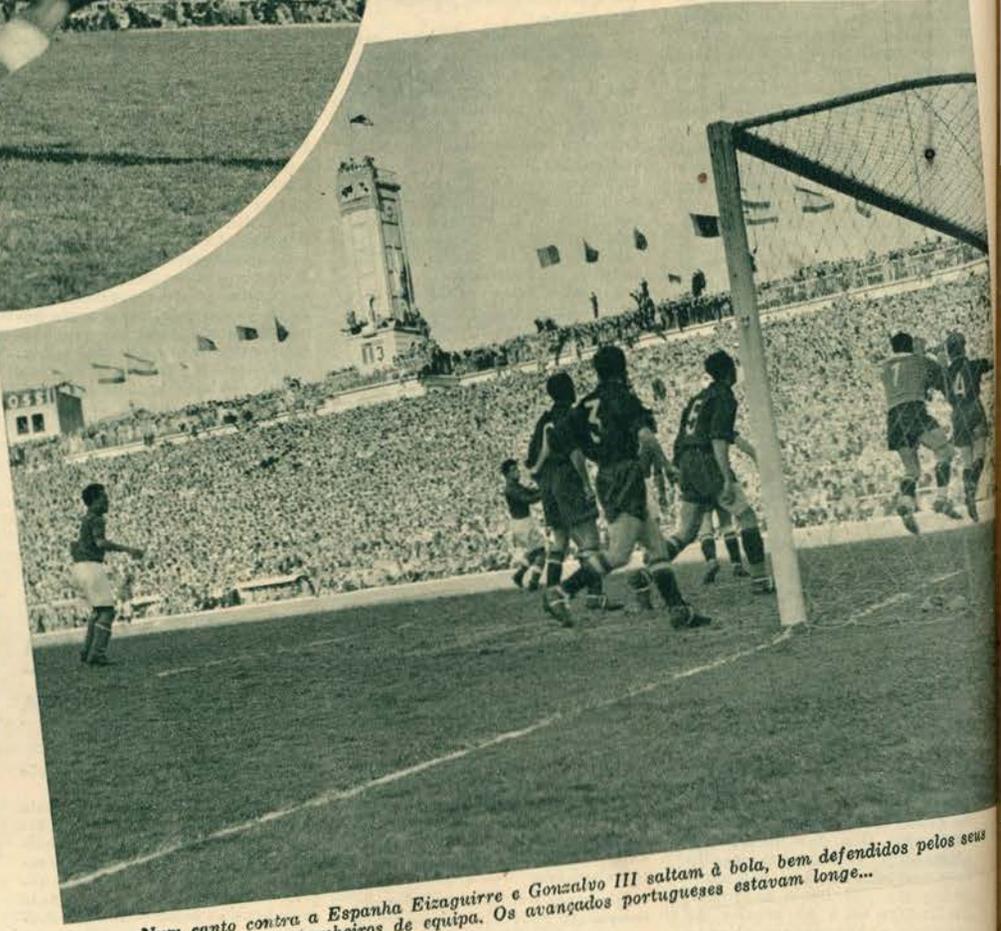
guardião espanhol encaixa com segurança, apesar da insistência de Travaços



Guilherme Eizaguirre, seleccionador espanhol, tendo ao seu lado o treinador Benito Diaz, não esconde a sua alegria. A partida está ganha!



Na cabina dos portugueses, Salvador do Carmo deixa transparecer o trazo amargo da derrota...



Num canto contra a Espanha Eizaguirre e Gonzalvo III saltam à bola, bem defendidos pelos seus companheiros de equipa. Os avançados portugueses estavam longe...



Asensi mostra o seu regosijo por a bola não ter entrado. Remate forte bem defendido por Eizaguirre. Cabrita está no chão e Travaços ainda vem em corrida. Vê-se Gonzalvo II dentro das balizas



Para evitar a entrada de Arsénio, a defesa espanhola passa ao seu guarda-redes